

SAUDAÇÃO AO NEO-ACADÊMICO RIBEIRO RAMOS *

Cônego Francisco Sadoc de Araújo

Designado para receber, em nome da mais antiga Academia de Letras do País, seu mais novo acadêmico titular, percebi que tal honraria me foi conferida porque a cadeira nº 13, prestes a ser ocupada por João Ribeiro Ramos, possui, de comum comigo, marcante tradição eclesiástica.

O Patrono é a figura hierática de Dom Jerônimo Tomé da Silva, um dos luminares do episcopado brasileiro, e o ocupante anterior, o Pe. Misael Gomes da Silva, expressivo expoente do clero cearense. Acresce que o recipiendário tem um filho padre e, durante muito tempo de sua juventude, viveu sob o teto acolhedor do poeta Pe. Antônio Tomás, tio paterno da esposa Dinorá, ela também escritora, além de poetisa. Por isso pareceu ao Presidente Cláudio Martins ser adequada a escolha do único atual representante do clero neste silogeu para pronunciar o discurso regimental desta recepção.

Na companhia de tantos clérigos, imagino-me, nesta solenidade, como que participante de uma nova entrada triunfal em Jerusalém, com a diferença de que nesta não são os ramos que aclamam o Cristo, mas um Ramos que é aclamado por um Cristão.

Esta fantasia religiosa, no entanto, reflete apenas uma face da significação deste momento, já que hoje os citados sacerdotes não comparecem ornados de paramentos litúrgicos, mas portando nas mãos os volumes de suas produções literárias. Por não ser cerimônia eclesiástica, mas sessão de academia de letras, eles chegam para ladear, não um altar, mas a cadeira destinada a um homem letrado.

Jerônimo, o patrono, ingressa explicando um capítulo do "Manual

* Discurso pronunciado a 22-3-85 na solenidade de posse de João Ribeiro Ramos.

Retórico e Poético" que publicou no Recife em 1886. Misael, o antecessor, entra discorrendo sabiamente sobre a "influência do Mundo Oriental na Civilização do Ocidente". Manfredo, o filho padre, aparece expondo "A Idéia de Estado na Doutrina Ético-política de Santo Agostinho", livro denso e profundo, recentemente impresso em edição nacional. Antônio Tomás, o tio-afim, comparece declamando os maviosos versos de "Contraste". E, por ser irmão do recipiendário, não poderia faltar o saudoso líder católico e antigo titular desta Casa, José Waldo Ribeiro Ramos, que chega discursando sobre a "Influência do Cristianismo na Sociedade", trabalho editado em 1930.

É esta, meus senhores, a luzidia comitiva que vejo acompanhar o novo acadêmico, a qual respeitosa e aplaudimos.

Ao receber João Ribeiro Ramos, recebemos com ele uma família de homens de letras.

Nas crônicas da Grécia Clássica foi muito celebrada a inteligência de um tal Hermes, que teria sido rei do primeiro Egito, conhecedor profundo da magia, da alquimia e da astrologia, os três ramos da ciência empírica da nascente civilização do Vale do Nilo. Por dominar completamente as três especialidades do conhecimento experimental da época, foi cognominado de Hermes Trismegisto, isto é, três vezes o maior, e seu nome se encheu de lendas e de glórias quase divinas.

A antiga civilização de Roma, tão ciosa da preeminência de seu panteão e das proezas de seus heróis, celebrou em despique as façanhas de um outro Hermes, gladiador invencível, figura maior das arenas das margens do Tibre, que se tornou conhecido por ser insuperável no manejo do tridente, da espada e da lança, os três ramos do atletismo romano. Por dominar inteiramente as especialidades do esporte, dele foi dito que era "omnia solus et ter unus", isto é, tudo sozinho e três vezes único. Bastava ele na arena para a realização de um grande espetáculo.

Se me for lícito comparar figuras da literatura universal com vultos da cearense, direi que o acadêmico João Ribeiro Ramos pareceu-me apresentar certas semelhanças com os dois Hermes, pois, como ambos, fez-se três vezes atleta no incansável afã de escrever. Escreveu com maestria como jornalista amador, como farmacêutico profissional e como professor inato.

O que mais chama a atenção em sua vida é o estar quase sempre a escrever. É o impulso mais forte e manifesto de seu temperamento.

Durante mais de quarenta anos escreveu para a imprensa, sua magia; durante mais de meio século escreveu receitas na farmácia, sua alquimia; durante mais de quatro lustros escreveu lições no quadro-negro, sua astrologia. E nessa tríplice atividade assemelhou-se ao Hermes Trismegisto.

Escreveu à máquina, seu tridente; escreveu com a pena, sua espada; escreveu com o giz, sua lança. E nisso pareceu-se com o Hermes dos romanos.

O novo acadêmico é infatigável no esporte e na arte de escrever. O grande destaque de sua produção de escritor é a enorme quantidade dos escritos. E como é verdade que se aprende a escrever escrevendo, está salva também a qualidade. Escreve simplesmente como quem fala e fala simplesmente como quem escreve a pessoas da intimidade. Evita os requintes das figuras de sintaxe e o vazio palanfrório. Prefere a frase comum, usual, acessível a todos. E isto lhe conta em crédito, pois nada mais fácil do que escrever difícil. Por tudo isso, não é homem de aprimorar o estilo com palavras bem ajustadas ou construir períodos com excessiva pureza de linguagem. O que lhe importa é transmitir o que pensa, como quem se desobriga de um dever sagrado. Quando está a escrever um trabalho literário, já fica pensando no seguinte. Como consequência, a tendência é para ser prolixo, porque no muito escrever não tem tempo de ser breve.

O irreprimível ímpeto para o manejo ininterrupto da pena, talvez, explique a preferência por não reunir em livros a abundante produção. Estes exigem tamanho reduzido na página e volume não muito espesso na brochura. Tais limites não se coadunam com a largueza do desejo de muito escrever, porque estreitos demais para conter a exuberância das frases que lhe povoam a mente.

As maiores dimensões das folhas dos jornais atraíram sua simpatia, pelo que antepôs a imprensa periódica ao livro intermitente.

Ribeiro Ramos começou a escrever regularmente para o público na cidade de Acaraú, onde se fez redator do quinzenário local durante doze anos, tempo em que publicou incontáveis artigos, contos e crônicas. Foi o começo fecundo, em plena juventude, de seu jornadear de jornalista amador.

Ao transferir residência para a cidade de Sobral, manteve ali, por três decênios, uma coluna regular no semanário "Correio da Semana", veterano órgão oficioso da Diocese. Durante um quarto de século manteve colaboração diária nos programas noticiosos da Rádio Iracema de Sobral e enviou artigos para a imprensa de Fortaleza, especialmente para os jornais "Gazeta de Notícias", "Unitário", "Correio do Ceará" e "O Povo", bem como para "A Verdade" de Baturité.

Diga-se mais que é assíduo escrevedor de cartas, sendo proverbial a pontualidade em enviá-las e respondê-las. É grande a correspondência assídua que mantém com entidades e homens de letras de todo o Brasil.

Ribeiro Ramos não se limita a escrever, mas também procura levar os outros a fazê-lo. Foi por seu estímulo que conseguiu as colaborações

que reuniu em vários números da Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras e da Revista da Academia Cearense de Farmácia, entidades culturais que preside. Também com a participação de vários escritores organizou e publicou os livros "O Centenário de Dom José à luz da Academia" e "Um Mestre e um Poeta — dois homens no meu caminho", florilégios em que presta homenagem a Dom José Tupinambá da Frota, Pe. Antônio Tomás e José Waldo Ribeiro Ramos.

Preparou ainda, com a cooperação de diversos autores, "Album do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral" e "Subsídios para a História da Farmácia no Ceará", dois excelentes espicilégios que aguardam publicação.

São mais de sua lavra os esboços biográficos do tabelião Francisco Tomás Lourenço, seu sogro; do industrial José Hélio Arruda Coelho, seu genro; do Pe. Antônio Tomás, seu tio-afim.

Várias de suas brilhantes conferências foram enfeixadas em "Eu sou aquele que serve", pequeno livro onde o leitor descobre o esforço que empreendeu para sugerir soluções a problemas comunitários das cidades em que residiu e para a defesa de muitas campanhas beneficentes de que participou. E por falar em servir, seja dito que fez do exercício profissional de farmacêutico um autêntico sacerdócio. É raro um sobralense que não lhe deva favor, como fruto da caridosa assistência no balcão da farmácia, verdadeira Piscina de Siloé, onde tantas dores foram mitigadas e tantas enfermidades remediadas. Notável também o trabalho desenvolvido no Lions Club, de que foi um dos mais eficientes sócios. É proverbial em Sobral a lhanza do trato com que se relaciona com as pessoas que o procuram, incontável clientela de fiéis amigos que ele escreveu no livro do coração sob a denominação afetuosa de "caríssimos".

A dedicação incansável à palavra escrita estendeu-se igualmente à palavra falada. Tanto gosta de escrever, quanto de discursar. Seus discursos raramente são breves, mas agradam pela naturalidade com que profere a frase abundante e expressa o pensamento espontâneo.

Aprecia tanto a conversa amena e simples das rodas de amigos, quanto à formalidade solene das preleções e conferências nos grandes auditórios. São seus lazeres prediletos e prática da oratória, o exercício da literatura e a arte de fazer amigos. No pasto da mesa que lhe alimenta o espírito há três iguarias que nunca estão ausentes: falar, escrever, conversar.

Por ser homem dedicado ao uso da palavra, a principal mediação da comunicação e do relacionamento humanos, não é estranho que o recipiendário pertença, como sócio correspondente ou honorário, a quase vinte institutos culturais e academias de várias cidades do Brasil, locais onde a fala é sempre farta e as letras abundantes. E a partir

de agora, como coroamento dessa filiação da inteligência, torna-se membro titular desta veneranda Academia Cearense de Letras. Aqui, assenta-se ele como o homem certo no lugar certo. Com sua posse, preenche um cadeira vazia da Academia, e esta, por sua vez preenche um vazio que existia em seu coração.

Dizia o grande pregador Pe. Antônio Vieira, no célebre sermão de Santo Inácio, que o melhor retrato de um homem é aquilo que escreve, pois “o corpo retrata-se com o pincel, a alma com a pena”. E prova o aforismo com exemplos de Ovídio, Sêneca e Agostinho. Um poeta, um pensador e um santo.

Quando o autor de “Metamorfoses”, informa o genial orador, estava desterrado no Ponto, um amigo, que muito o admirava, trazia-o retratado na pedra do anel, mas Ovídio mandou-lhe os seus versos dizendo que aquele, sim, era o seu melhor retrato: **Carmina maior imago sunt mea.**

Sêneca quando lia as cartas de Lucílio, diz que o via: **Video te cum maxime audio.** Vejo-te muito mais quando te leio.

Por sua vez, afirmou o Bispo de Hipona, em profunda meditação teológica, que enquanto não vemos a Deus em sua própria face, o podemos ver, como retrato, nas Sagradas Escrituras: **Profacie Dei pone Scripturam Dei.**

Se é assim, Ribeiro Ramos já se fotogra frou a si mesmo, e superabundantemente, pelo que é supérfluo que eu o perfile demoradamente neste discurso de posse. Basta-me agora apresentar-lhe os votos de boas-vindas e lhe desejar atuação profícua e duradoura, visando à plena realização dos objetivos desta Casa de sábios e escritores.

Meu caro Ribeiro Ramos, já que você e eu chegamos até aqui provenientes das margens sertanejas do Acaraú, sibamos aprender a lição fluvial daquelas águas que estão sempre a correr, enquanto o rio permanece. O mistério dos rios consiste exatamente nisto: passam sem passar.

A imortalidade acadêmica que ora lhe é incorporada nesta posse, à imagem e semelhança daquele rio de nossos amores comuns, fará com que sua presença nesta Casa passe sem passar. Até hoje, as letras abundantes; doravante, o próprio trabalho literário, imortal.

Esteja, pois, à vontade entre nós. A Academia é também sua, desde este momento e para sempre.